

A Política de Internacionalização da Universidade do Planalto Catarinense na Percepção da Comunidade Acadêmica¹**The Internationalization Policy of Universidade do Planalto Catarinense from the Academic Community Perception**

Rodrigo Ogliari²
Mareli Eliane Graupe³

Resumo:

Este artigo visa refletir sobre a política de internacionalização da UNIPLAC e seu *modus operandi* na percepção da comunidade acadêmica. Esta instituição conquistou o status de universidade há vinte anos, com uma trajetória relevante para o desenvolvimento regional. Usando uma abordagem qualitativa, o estudo está teoricamente embasado no materialismo histórico e dialético, bibliográfico e documental incluindo a pesquisa de campo com ex-reitores, professores da instituição, totalizando sete entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo de Bardin (2011). Dialoga-se com autores como Santos (2002), Perrota (2016), Santos e Almeida Filho (2012), Tosta *et al.*, (2016). A análise dos dados demonstrou que, apesar do notável crescimento de ações visando desenvolvimento da política de internacionalização da UNIPLAC, tais como bancas com participação de professores internacionais, realização de eventos científicos internacionais, estágios pós-doutorais, projeções de cooperação, tratativas internas e externas, as negociações são bastante genéricas, não se traduzindo em projetos de ensino, pesquisa e extensão. Tais ações foram acompanhadas de uma baixa adesão da comunidade acadêmica. As dificuldades a serem vencidas, entre outras, estão na questão linguística, na invisibilidade desta política junto à comunidade acadêmica e na ausência de orçamento para o setor de internacionalização.

Palavras-chave: Política de Internacionalização; Universidade do Planalto Catarinense; Desafios.

Abstract:

This article aims to reflect upon the Internationalization Policy of UNIPLAC and its *modus operandi* from the perception of the academic community. This higher education institution reached university *status* twenty years ago with a relevant trajectory for regional development. Using a qualitative approach, the study is theoretically based on historical dialectical materialism, bibliographical and documentary including the field research on which we interviewed former deans, the current dean and staff, and professors from the institution, adding up to seven semi structured interviews. The data analysis was performed according to Bardin's content analysis method. We argue with authors such as Santos (2002), Perrota (2016), Santos and Almeida Filho (2012), Tosta *et al.*, (2016). The data analysis reveals that, despite the noteworthy growth in actions towards the development of an internationalization policy at UNIPLAC, such as hosting boards with international professors, hosting scientific international

¹ Com a publicação deste texto gostaríamos de homenagear o nosso colega Geraldo Augusto Locks (*in memoriam*) que foi um professor e intelectual de extrema amorosidade cuja luta diária defendia a construção de uma educação democrática, justa e equitativa.

² Mestre em Educação, Especialista em Docência no Ensino Superior e Graduado em Letras. Professor no Curso de Graduação de Letras na Uniplac, Professor no Sistema Público Municipal em Lages – SC e no sistema Público Estadual de Santa Catarina. Bolsista Fulbright do Programa Líderes Internacionais em Educação da Embaixada Americana no Brasil e do Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa da CAPES. E-mail: ogliari.r@uniplaclages.edu.br

³ Doutora em Educação e Cultura pela Universidade de Osnabrueck, Alemanha. Mestra em Educação na Ciências e licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ, RS. Professora nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Pós-Graduação em Ambiente e Saúde, na Universidade do Planalto Catarinense, UNIPLAC/SC). E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

events, professors' post-doctoral internships, cooperation projections, academic will, internal and external agreements, but the negotiations are quite generic, and unable to translate to actual teaching, research and extension projects. Such actions were followed by a low adherence from the academic community. The challenges to overcome, among others, are the language barrier, the invisibility of this policy among the academic community and the absence of a budget for the Internationalization Department.

Keywords: Internationalization Policy; Universidade do Planalto Catarinense; Challenges.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir a Política de Internacionalização da Universidade do Planalto Catarinense e seu *modus operandi* na percepção da comunidade acadêmica. Esta instituição de ensino superior, embora tenha completado sessenta anos em 2019, conquistou o status de universidade há vinte anos.

A perspectiva teórica do materialismo histórico e dialético possibilita uma análise dinâmica da realidade e reconhece que a sociedade está em um estado de fluxo contínuo, onde as contradições internas geram mudanças. Essa visão é essencial para a pesquisa social, pois ajuda a identificar as forças que impulsionam a mudança social, como as lutas de classe, os movimentos sociais e as crises econômicas e políticas. Além disso, o materialismo histórico e dialético oferece uma estrutura analítica robusta para entender a internacionalização da universidade em foco, não apenas como um fenômeno educacional, mas como parte de um processo econômico, social e político mais amplo, permeado por contradições, desigualdades e lutas de poder.

A relevância da temática reside no fato da UNIPLAC se constituir em uma universidade comunitária, portanto, tem sua gênese jurídica enraizada em uma fundação municipal, cujo interesse de origem foi descentralizar e democratizar o acesso ao ensino superior no interior do Estado de Santa Catarina. Localizada em Lages, município polo regional, congrega mais dezessete municípios organizados geopoliticamente na Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES) enquanto sua área de abrangência prioritária.

Segundo dados do Plano SC 2030 (2018), a AMURES corresponde a uma população de 290 mil habitantes, e uma topografia formada por campos de altitude e serra. Possui densidade geográfica muito baixa, a menor do estado com 17 hab/km². Área de 16.086,2 km², correspondendo a 3,9% do total do estado, e PIB de 3,2%. Seu rendimento domiciliar per capita é 25% inferior à média estadual. Possui, relativamente, número elevado de pessoas em situação de pobreza, mais de 49 mil pessoas, representando 9,5% do total do estado, muito acima de sua

participação na população (Santa Catarina, 2018). Por essas razões, o Planalto Catarinense configura-se como uma das macrorregiões de maior debilidade econômico-social do Estado.

Historicamente o desenvolvimento socioeconômico da região revela-se insustentável uma vez que os entraves no combate à desigualdade social e outros marcadores de empobrecimento da população persistem. A questão social regional “resultante histórico da contradição, imanente ao modo de produção capitalista, entre capital e trabalho” (Wellen, 2012, p.17), tem origem remota, e pode ser visualizada no longo do período da formação sociocultural e econômica, período de estruturação fundiária com base no latifúndio e no desenvolvimento da pecuária extensiva (1766-1940) (Munarim, 1990; Peixer, 2002; Locks, 2016). O período é sucedido pela exploração da madeira no contexto de formação do Brasil urbano e industrial (1940-1970). No final deste breve tempo, Lages foi denominada de “cidade dos espoliados” (Peixer, 2002), referindo-se ao resultado de um paradigma de desenvolvimento caracterizado por crescimento econômico concentrado e sem distribuição de bens e renda.

Atualmente, a UNIPLAC assume como missão “Ser uma universidade comunitária que promove a formação humanística, técnico-científica e *cultural* do cidadão por meio do ensino, pesquisa e extensão priorizando o desenvolvimento regional”. (Uniplac, 2010-2018, p. 23). E, nos seus objetivos e prioridades institucionais, enfatiza, entre outras ações, “c) promover intercâmbio científico e/ou cultural com instituições nacionais e internacionais”. (Uniplac, 2010, p. 148).

Não obstante a UNIPLAC atuar em uma região interiorana, por sua formação sociocultural pode até ser vista como provinciana, mas também situada em um mundo globalizado. As mudanças no cenário educacional mundial são profundas, complexas e aceleradas. Assim, “o tempo será das pessoas e das instituições que mais cedo se mostrarem capazes de interpretar os sinais da mudança, de ser seus agentes e seus protagonistas” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 60). O campo da internacionalização do Ensino Superior está a exigir atenção, olhar crítico e dinamicidade.

Portanto, as Instituições de Ensino Superior (IES) devem estar inseridas nos seus contextos locais, mas também articuladas com o contexto global. Isto se deve pela facilidade de cruzarmos fronteiras e depararmos-nos com problemas que, caso não solucionados, poderão vir a adentrar nossos próprios contextos locais. A sociedade e seus integrantes tornam-se cada vez mais globais gerando embates complexos nos âmbitos culturais e sociais. Um destes embates reside na identificação e no reconhecimento da diversidade cultural ao pensar uma sociedade mais justa, inclusiva e que garanta o exercício dos direitos humanos.

Política de internacionalização universitária: razões e benefícios

Sobram razões para se demonstrar a relevância da internacionalização na universidade contemporânea. Para Mello *et al.*, (2009), a universidade de países em desenvolvimento, como o Brasil, não pode ser uma instituição sem relevância social. Ela tem o dever de buscar a formação de mentes criativas e críticas; além de profissionais competentes, cidadãos exemplares; homens e mulheres que tomem consciência de suas ações na sociedade em que vivem. As IES têm de assumir seu papel na produção de conhecimento, mas também o de desenvolvimento cultural favorecendo a interculturalidade oportunizando o convívio e a integração das diversidades (Oliveira; Freitas, 2017).

Santos, ao refletir sobre o papel da universidade no mundo globalizado, postula que

O objetivo consiste em resituar o papel da universidade pública na definição e resolução coletiva dos problemas sociais que agora, sejam locais ou nacionais, não são resolúveis sem considerar a sua contextualização global. O novo contrato universitário parte assim da premissa que a universidade tem um papel crucial na construção do lugar do país num mundo polarizado entre globalizações contraditórias (Santos, 2002, p. 52).

Diante do fenômeno da globalização social, econômica e cultural, reiteramos, torna-se um imperativo ético o aprender a conviver na pluralidade cultural e suas diferentes expressões humanas. O global e o local estão inerentemente imbricados, o que impõe estas exigências também para o território regional e local. Para tanto, é de grande valia tratar do ganho de capital cultural que decorre dos processos de mobilidade acadêmica. O capital cultural, de acordo com Bourdieu (1979), é o subsídio necessário para o crescimento do mundo de um sujeito. E um ambiente no qual se pode encontrá-lo em abundância é o intercâmbio.

Partindo dos três preceitos da universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão, Santos e Almeida Filho (2012) propõe uma quarta missão: a internacionalização. Para eles, é necessário que a universidade seja capaz de consciente e intencionalmente se mobilizar para “reforçar projetos conjuntos e integradores; dar maior dimensão às suas atividades de formação, de pesquisa e de inovação; conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária; contribuir para a consolidação de Espaços Integrados do Conhecimento” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 145).

Convém fazermos uma ressalva nesta reflexão acerca do processo de internacionalização da universidade. Este termo é muito associado com o termo globalização, porém, apesar de estarem relacionados um ao outro, existem aspectos que demonstram grandes diferenças entre eles, conforme Tosta *et al.*, (2016). A relação entre as duas, segundo Wit

(2002), é que “a Internacionalização está mudando o mundo do Ensino Superior, e a Globalização está mudando o mundo da Internacionalização” (p. 243). (Tradução Nossa). A internacionalização difere no aspecto que esta existe na relação entre nações partindo da premissa do reconhecimento das diferenças entre tais países. Já no caso da globalização, ela “tende a minar a existência de nações e suas diferenças, e destaca mais similaridades do que diferenças” (Tosta *et al.*, 2016, p. 36).

Rumbley distingue os significados de globalização e internacionalização no universo do ensino superior, mencionando que

Globalização, uma realidade chave no século 21, já influenciou profundamente o Ensino Superior [...]. Nós definimos globalização como a realidade formada por integrar cada vez mais a economia mundial, novas tecnologias de informação e comunicação. A emergência de uma rede de conhecimento internacional, o papel da língua inglesa, e outras forças além do controle das instituições acadêmicas [...]. Internacionalização é definida como a variedade de políticas e programas que universidades e governos implementam para responder à globalização”. (Rumbley *apud* Wit, 2002, p. 243). (Tradução nossa).

Uma educação que siga as feições acima citadas, presume-se que tenha condições de construir uma consciência de pertencimento à uma comunidade, sendo capaz de reconhecer sua cultura e sentir-se parte integrada de uma nação. Dessa forma, Tosta *et al.*, (2016, p. 37) propõe que “a internacionalização seja uma alternativa à educação atual”.

Alguns dos benefícios que a internacionalização pode trazer, segundo Tosta *et al* (2016), são: investimento na economia futura, uma política estrangeira (imagem do país no mundo), função cultural (exportação da cultura e valores nacionais), desenvolvimento individual do sujeito (capacitar o sujeito a enfrentar o mundo), promoção da dimensão internacional (preparação da faculdade, *staff* e estudantes para atuação em contexto internacional e intercultural), construção institucional (o ato de permitir que a universidade atinja um nível de expertise maior), entre outros. Nessa linha de pensamento, as universidades têm de se tornar instituições sem fronteiras para que suas comunidades venham a prosperar no contexto da nova sociedade global.

A internacionalização tem a capacidade de potencializar novas inferências sobre o estar e agir em uma sociedade com contextos complexos no que concerne uma moderna necessidade de relacionar o local e o global, como apontam Wielewicky e Rubin-Oliveira (2010). E é na universidade que deve se originar um processo dessa magnitude pois, segundo Wielewicky e Rubin-Oliveira (2010), a instituição deve exercer toda a plenitude de ser um *locus* privilegiado de análise crítica, propositiva e prospectiva. Corroborando com essa ideia, Santos

e Almeida Filho (2012, p. 57) mencionam que cabe às universidades tomarem a frente do processo e usarem a “responsabilidade que detêm no processo e desempenharem o papel de motor de desenvolvimento, no qual, sabemos-lo hoje, nenhuma outra instituição as pode substituir”. Essa seria a missão e o papel completos da universidade.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, teoricamente embasada no materialismo histórico e dialético. Lembramos aqui, que “[...] todo conhecimento científico é socialmente construído[...].” (Santos, 2009, p. 9), e tem seu caminho a romper o senso comum devendo, mais tarde, retornar às bases do senso comum como algo novo e mais esclarecido, uma vez que a ciência se faz por pessoas e deve retornar às pessoas de forma democrática. Dentre as características no Materialismo Histórico⁴, apresenta-se a “[...] ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade”. (Triviños, 2013, p. 51). Avigora ainda, a força das ideias, dos agrupamentos humanos, “[...] cuja ação pode produzir transformações importantes nos fundamentos materiais dos grupos sociais” (Triviños, 2013, p. 52), justificando aqui, nosso interesse na inserção de uma IES em programas de internacionalização, uma vez que a diversidade social e cultural que um processo de internacionalização bem planejado e sistêmico pode trazer grandes benefícios à comunidade acadêmica que a cerca.

Também, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental incluindo a pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com ex-reitores, professores de graduação e pós-graduação da instituição, totalizando sete entrevistas semiestruturadas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, obtendo sua aprovação em 04/12/2018 sob o protocolo de submissão 03716918.2.0000.5368.

Os dados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo de Bardin (2011), o qual demonstra que o verdadeiro foco está nos ensinamentos trazidos pela análise dos conteúdos depois de classificados e tratados pelo pesquisador. Assim, no ato da análise de conteúdo “o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio” (Bardin, 2011, p. 42). Tendo

⁴ Mais informações sobre o Materialismo Histórico e Dialético em: COELHO, Bruna da Penha de Mendonça. Materialismo Histórico e Dialético: entre aproximações e tensões. Lua Nova, São Paulo, 118: 75-100, 2023; <https://doi.org/10.1590/0102-075100/118> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/GmyvMRTcSK8F5DLhC6HDttw/?format=pdf&lang=pt>

aqui, a busca pelo processo de inferência, o qual, de acordo com o autor, se diferencia do mero processo de armazenar e simplesmente organizar os dados.

“As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (Bardin, 2011, p. 125). Seguindo a organização dos dados e sistematizando as ideias iniciais, conforme Bardin (2011). Nesse processo, surge a formulação de hipóteses e a elaboração de indicadores que fundamentarão a interpretação final dos dados coletados. Trata-se de compreender de forma crítica as comunicações, o conteúdo manifesto e latente, bem como suas significações, sejam elas explícitas ou ocultas (Mozzato; Grzybovski, 2011).

Resultados

Abaixo apresentamos a percepção da comunidade acadêmica sobre a política de internacionalização da UNIPLAC. Nossos sete entrevistados receberam nomes fictícios de universidades para resguardar seu anonimato e privacidade como prescreve a ética em pesquisa.

Histórico de convênios e parcerias

Na UNIPLAC, observamos que os indícios de internacionalização ocorreram muito sutilmente, somente após a instituição adquirir status de universidade em 1999, e haver uma necessidade real de internacionalização. Para garantir e manter o título de universidade, o Ministério de Educação já exigia protocolos de parcerias com instituições internacionais, mesmo que tais documentos fossem apenas demonstrativos e não houvesse ações reais sobre tais papéis.

Quanto ao histórico de convênios e parcerias de internacionalização da UNIPLAC, as entrevistadas afirmam que:

Nós tínhamos interesses e várias tentativas foram feitas. Nós assinamos um protocolo de intenções na época com a Espanha e com Portugal [...] Tanto Espanha como Portugal ficaram só no Protocolo. (Caracas).

Embora sempre tenha existido a “política de internacionalização”, isso era uma exigência, não existia a prática de fato. (Paris).

A falta de ações mais concretas tem seus motivos mencionados nos dados coletados quando são citadas as faltas de parcerias e também de iniciativas de alguns cursos e linhas de pesquisa para serem atrativos o suficiente para instituições internacionais e até mesmo falta de convênios com os órgãos reguladores ou de fomento do Ensino Superior e Pesquisa no Brasil.

[...] nós não tínhamos convênio nem com a CAPES e nem CNPq. E era tudo muito incipiente. (Caracas).

Nós tínhamos 6 convênios fechados que não se tornaram operacionais, convênios de papel. Não se tornaram operacionais porque eles não tinham uma base de pesquisa. (Aveiro).

Algumas experiências que obtiveram sucesso, em termos de internacionalização, eram quase sempre relacionadas à mobilidade acadêmica. Entretanto, o que descobrimos pelas entrevistas, conforme descrito abaixo, é que eram iniciativas particulares de professores e/ou acadêmicos. As experiências que foram relatadas não partiam de uma iniciativa institucional com incentivos e parcerias com laços firmados entre instituições que beneficiassem a formação acadêmica dos estudantes interessados no processo.

Eu acredito que há indícios de internacionalização. O que acontece, que eu vejo na UNIPLAC, a gente tem, entre professores, muitos contatos fora. Fazemos algumas parcerias, mas não tem algo formal com a universidade. Eu acho que está mais professor – professor, pesquisador – pesquisador. Na universidade eu acho que há indícios, está começando, mas ainda não temos nada muito efetivado. Está engatinhando. Está no início. (Bolonha).

Importante lembrar que tanto a mobilidade acadêmica quanto outros aspectos de um processo de internacionalização exigem definições por uma política institucional para que se entenda qual tipo de processo é o melhor para a universidade.

Segundo a entrevistada Lima, *“antes não era uma grande preocupação com a internacionalização. Mas os movimentos, até externos, fazem com que, hoje, a UNIPLAC sinta essa necessidade. [...] Nós não temos uma política muito bem estabelecida ainda, muito clara para a internacionalização”*. (Lima).

Percebe-se que os indícios de uma política de internacionalização da UNIPLAC têm aparecido de modo gradual, obedecendo ao desenvolvimento da própria universidade. É o que pontua Salamanca,

Eu percebo que a gente ainda está começando esse trabalho. Essas outras instituições já têm planos de internacionalização mais sólidos. Inclusive com setores responsáveis pela internacionalização. O que quando você falou

comigo eu acabei notando que nós não temos um setor voltado para isso. (Salamanca).

Lima comenta em sua entrevista sobre a importância de se ter uma mão dupla nas idas e vindas de estudantes e professores para que um dos lados não seja desfavorecido pela presença de indivíduos que podem agregar no grupo ao qual fazem parte. Tais traços são notáveis, também, nas palavras de Santos e Almeida Filho (2012) quando discorrem sobre as diferentes modalidades e conceitos da Internacionalização. Na mesma linha, Perrota (2016) discorre que:

[...] la dimensión internacional alude a los vinculos entre países y/o naciones, la intercultural refiere a los intercambios entre culturas, mientras que la global apunta a un nivel de generalización mayor (el mundo entero). Cuarto, la integración de las dimensiones a las funciones de la educación superior implica que la dimensión internacional se incorpora con un carácter central y no marginal. (Perrota, 2016, p. 13).

Conforme a percepção de Lima, desde que a UNIPLAC se tornou Universidade os tempos vêm se modificando e as demandas dos Ensino Superior também. É possível notarmos já no título da obra de Santos e Almeida Filho (2012), *A Quarta Missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. “A mudança é, pois, ingrediente permanente da vida da universidade e critério de manutenção da sua autonomia” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 51).

A trajetória de uma universidade na modernidade pode passar pela sua habilidade de se moldar e acompanhar a mudança que a sociedade exige dela. As universidades modernas precisam “inscrever a mudança no seu próprio código genético porque, por seleção natural, se secundarizam as que não souberam fazê-lo” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 50). Seguindo esse pensamento, é importante pensar no tipo de internacionalização que se quer para o ensino superior na UNIPLAC e no Brasil como um todo, uma vez que a realidade das instituições de ensino superior brasileiras, no que diz respeito à internacionalização, é basicamente do modelo periférico, segundo Morosini (2011).

A busca por uma política institucional de internacionalização faz parte dessa busca por novos caminhos que a UNIPLAC poderá adentrar. Constantemente, a sociedade se encontra em ciclos de mudança, buscando inovação em diversos setores (educação, tecnologia, social, entre outros). A mudança dentro de instituições como a UNIPLAC precisa estar no seu âmago para que a busca por melhorias em todos os setores não fique estagnada. O que podemos notar nas percepções dos entrevistados é que, no que tange à internacionalização, as ações não vinham

sendo tratadas como prioridade historicamente, uma vez que a instituição não tem um setor, tampouco um plano voltado para sua internacionalização.

Necessidade de uma política de internacionalização

Os entrevistados levantaram alguns argumentos que fazem *jus* à necessidade de se ter um projeto institucionalizado para o processo de internacionalização da instituição. Salamanca aponta estratégias para o desenvolvimento de uma política de internacionalização na UNIPLAC.

Na minha opinião, a gente precisaria trabalhar em duas frentes de trabalho. Uma frente de trabalho seria para graduação e outra para a pós-graduação. Eu vejo que é diferente, um pouco, o aluno de graduação do aluno de pós-graduação, inclusive na forma de pesquisa. Geralmente, o aluno de graduação vai e cursa disciplinas fora enquanto o aluno de pós-graduação desenvolve uma pesquisa. Seria, talvez, interessante separar. E aí a gente ter uma política institucional para incentivar isso. (Salamanca).

O assunto tratado pelos entrevistados é uma questão de foco. Colocam que a universidade precisa instituir qual o foco do processo de internacionalização que quer para si. É interessante que a universidade indague a si mesma: qual a modalidade de internacionalização será utilizada? Qual é a melhor forma para a UNIPLAC? Santos e Almeida Filho (2012) mostram que é preciso ter foco, uma vez que as modalidades de processos de internacionalização são diversas.

Que hierarquia introduzir então na lista das múltiplas formas possíveis de internacionalização? Trabalho em rede, troca de experiências e aferição de boas práticas, projetos de investigação individuais ou de equipa, leque de propostas de formação, mobilidade estudantil e de pessoal docente e não docente, doutoramentos em cotutela, formação sanduíche, são algumas das componentes solidárias de um processo que nos domina e no qual somos, numa primeira fase, mais conduzidos do que condutores. (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 145)

De uma perspectiva de política de internacionalização, o Ensino Superior tem um grande papel no que diz respeito a construir estratégias para atrair e manter recursos humanos para trabalho no campo de produção e circulação de conhecimento, de acordo com Rubin-Oliveira e Wielewicky (2019).

Do ponto de vista da tensão das dimensões do local e internacional, uma das entrevistadas afirma que “*nós estamos aqui na Região do Planalto Serrano de Santa Catarina,*

o Brasil, etc. e queremos o conhecimento daqui para o mundo e do mundo para cá” (Caracas). Enquanto que outra, demonstra que “[...] estamos pensando em um desenvolvimento sustentável, já estamos pensando nessa interlocução não só em termos regionais. Os aspectos regionais serão os resultados, não pode ser o foco.” (Paris). Os entrevistados demonstram clareza na relação que se estabelece entre o local e o global mediado pela política de internacionalização da universidade. Pensar desde o local, com uma visão global. Para Rubin-Oliveira e Wielewicki (2019), a universidade não tem como realizar integralmente seu papel se não forem universais e internacionais no seu jeito de se relacionar com o mundo das ideias, fatos e problemas.

Fundamental, até pela troca de experiências e até pela forma como o mundo se comunica hoje, a gente não pode mais pensar na UNIPLAC em termos regionais, como ela vinha sendo pensada nos últimos 60 anos. A gente precisa levar coisas novas para mostrar que nós produzimos conhecimento. Assim como a gente precisa trazer coisas novas. Assim a internacionalização nos permite esse tipo de ação. (Paris).

A internacionalização tem o potencial de se tornar o caminho a ser percorrido pela UNIPLAC na busca pela inovação na produção de conhecimento, no desumbigamento sem perder suas origens, como Santos e Almeida Filho (2012) colocam. Tal processo pode ter efeitos de grande benefício para a instituição como vemos na fala dos autores a seguir:

A importância [...] resulta da capacidade que tem sido demonstrada pelas instituições de, ao contrário do que acontecia no passado, transformar a iniciativa própria e isolada de alguns dos seus membros, dispersa pela natureza da sua origem mesmo se realizada em relativamente larga escala, num movimento consciente e intencional da universidade, em busca de inter-relações proveitosas e fecundas com suas congêneres e com outras culturas. Dessa forma, construindo seu destino pelo mundo e pela história, a universidade encontra mais espaço para sua universalidade, em benefício da sua afirmação e da concretização das suas restantes missões. (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 149)

Assim, vemos novamente a importância do papel da universidade na sociedade. A comunidade que a cerca precisa estar engajada, estar informada sobre os assuntos aos quais a instituição se atém. Quando temos cidadãos da comunidade em contato com indivíduos que fazem parte de processos de internacionalização, esses também sentem-se parte do processo. Não apenas aqueles que vão ou vêm, mas também aqueles que têm contato com essas pessoas que cá recebemos, os estrangeiros que podem vir ou mesmo os nativos daqui que vão e voltam mudados por essa experiência que transforma seres regionais em seres globais. Santos e

Almeida Filho (2012, p. 150) afirmam que a experiência da internacionalização torna as pessoas “cidadãos melhores de um mundo diferente, mais aptos a compreender a interculturalidade, a multipolaridade, a conviver com a diversidade, com as razões e com os motivos do outro”.

Conforme a entrevistada Lima, o “*aluno que volta, ele faz a diferença na sua turma de graduação e pós-graduação. Certamente. Ele volta com outras possibilidades, outras ideias. Volta valorizando o que há de bom e refletindo o que não está bom de uma maneira muito mais crítica.*” Alguns benefícios são levantados pelos entrevistados quanto à internacionalização, como por exemplo o senso de pertencimento; tornar-se um cidadão mundial, estar aberto à mudança e respeitar o outro não importando o quão diferente ele seja, entre outras. Santos e Almeida Filho (2012) corroboram com alguns dos benefícios mencionados pelos entrevistados.

De acordo com os autores, uma vez transcendida a natureza básica universitária, a internacionalização pode atrair mais parceiros pela visibilidade internacional, vindo a contribuir na produção de conhecimento e no alargamento da atividade de prestação de serviços à comunidade. Para isso, devem colocar “o peso institucional da diplomacia política ao serviço dos seus projetos e da concretização da sua estratégia internacional” (2012, p. 161). Desta forma, uma instituição de ensino superior estaria realmente assumindo sua plena capacidade política de desenvolver atividades de diplomacia no âmbito cultural, segundo Santos e Almeida Filho (2012).

Internacionalização, reciprocidade e desafios

A troca de experiência entre docentes e discentes é reconhecida pelos entrevistados. Salamanca e Caracas, assinalam que

O mais legal dessa contrapartida é que a gente tinha muito interesse em ajudar o aluno a participar e conviver dentro da nossa universidade. Mostrar para ele o que nós tínhamos de bom e, da mesma forma, ele nos recebeu quando nós fomos para lá. Eu fui com mais um colega e ele foi nos buscar na estação de trem. Foi uma troca de experiência e uma troca de amizade bem legal que eu acho que através disso a gente consegue. (Salamanca).

[...] nós estamos na era do conhecimento e da inovação [...] se você vai para lá, você aperfeiçoa uma língua, mas não é só uma língua. Tem toda uma cultura, você tem toda uma outra vivência que você incorpora e você traz. Só que tem que ter as condições, tem que se criar as condições. (Caracas).

Conforme Santos e Almeida Filho (2012), o tempo hoje será das pessoas e das instituições de ensino que mais cedo demonstrarem a capacidade de interpretação perante os sinais de mudanças, sendo estes seus agentes e seus protagonistas.

Tentar recusar ou diminuir o papel que a internacionalização representa na universidade dos nossos dias colocar-nos-ia, hoje, na mesma triste posição e a fazer a mesma triste figura dos universitários que, em plenos anos oitenta do século passado, ainda atacavam a investigação científica efetuada sob contrato e a prestação de serviços especializados ao exterior com os conhecidos argumentos de que essas práticas constituíam uma inadmissível ingerência na universidade e punham em causa a sua autonomia. (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 60).

Com as opiniões dos entrevistados podemos observar a grande potencialidade que um processo de internacionalização tem dentro de uma instituição como a UNIPLAC. Com tal processo de internacionalização bem estruturado e institucionalizado, a IES passa a tomar as rédeas do seu próprio caminho na sociedade do conhecimento já gozando de um prestígio de uma universidade com 60 anos de história bem estabelecida que busca autonomia e inovação ao abrir suas portas para o desenvolvimento cultural, social, econômico e político que a internacionalização pode agregar.

A UNIPLAC é uma universidade comunitária, segundo Morosini e Franco,

[...] a Universidade Comunitária Brasileira tem como uma de suas marcas e fonte de tensões a sustentabilidade. A tensão decorre da sua dupla natureza: o caráter público de serviço à comunidade, que tende a ser visto como oposto à sustentabilidade, e o caráter heterônomo e cambiante de sua inegável inserção num mundo globalizado, competitivo e em luta pela sobrevivência, que exige o empreendedorismo. (Morosini; Franco, 2006, p. 61).

Essa preocupação com a sustentabilidade e serviço à comunidade pode ser notada na fala dos entrevistados quando discorrem sobre o desenvolvimento sem o foco do lucro. Para tanto, a universidade deve se valer do que Morosini e Franco (2006) colocam como o empreendedorismo dentro da universidade. Assim, navegando os limites e desafios de águas internacionais para uma universidade comunitária e abrindo caminhos à sua própria maneira.

Um quesito mencionado por vários dos entrevistados é o de tornar o processo de internacionalização dentro da instituição de ensino mais próximo e conhecido da comunidade acadêmica e seu entorno. Fazer com que possibilidades de contatos com indícios internacionais tornem-se mais comuns e corriqueiros dentro e em torno da universidade.

Eu acho que se torna mais distante a internacionalização quando a gente não está fazendo curso de línguas. Não só inglês. Mas também outras línguas [...] Vamos dizer assim, se a gente tem 10 alunos e desses 10 que estão fazendo o curso de idiomas 2 têm a oportunidade de ir para fora, são 10 que estão envolvidos no processo. Eles sentem que fazem parte do processo. Eu acho isso muito importante. Seria uma forma de abranger um público maior e talvez não ter um gasto tão grande. (Salamanca).

Itens como um setor de línguas e preparação financeira na universidade são tratados como muito importantes pelos entrevistados. Traços comuns nesses trechos são a preparação que deve ser feita, tanto pelos acadêmicos quanto pela instituição, para trabalhar e fazer parte de processos de mobilidade acadêmica e internacionalização. Essa preparação deve ser encarada como um desafio, não um problema. Para Santos e Almeida Filho (2012), são dificuldades conjunturais que ofuscam transitoriamente o processo de internacionalização. Essa é a busca por nos tornarmos uma instituição, um Estado, um País que busca inovação em processos econômicos, políticos e culturais buscando ser um exemplo dentro da sociedade do conhecimento na qual nos inserimos.

Preparação para receber alunos de outros países e a questão financeira são desafios apontados pelos entrevistados.

A gente já percebeu, por uma triagem que nós fizemos, que existe muita gente interessada, que consegue romper a barreira do idioma, mas tem a questão financeira que impede. Estes, hoje, são os nossos gargalos com relação à internacionalização. Tem aí uma questão técnica interna, e é um trabalho que a Pró-reitoria de Ensino já está fazendo junto às coordenações de curso, que é a adequação de ementas ou de disciplinas. (Paris).

[...] a vinda do aluno de lá para cá, ela precisa ser precedida de toda uma preparação. Como vamos receber o aluno? Porque hoje você vai para uma universidade americana, você mora dentro da universidade. Você vai para uma universidade portuguesa, espanhola ou italiana vc mora dentro da universidade. Aqui nós não temos essa capacidade. Tudo isso nós temos que preparar. A Internacionalização não é uma coisa simples. (Aveiro).

Além disso, a necessidade de planejamento e iniciar universidades latino-americanas são sugestões que aparecem na percepção dos entrevistados. E os dois elementos estão inevitavelmente interligados.

Ter um contrato, uma parceria institucional na qual os alunos pudessem vir aqui e estudar sem custo e da mesma forma a gente poder fazer isso para outros lugares. Eu digo isso em todo mundo. Talvez a gente pudesse começar com o Chile, ter um contato mais perto daqui para depois almejar alguma coisa na Europa ou nos EUA, que é para onde os alunos geralmente têm mais interesse em ir. (Salamanca).

Quando um entrevistado menciona o Plano de Desenvolvimento Institucional da UNIPLAC reflete sobre uma questão estratégica no processo de internacionalização da instituição.

Eu acho que a UNIPLAC ainda está muito focada na graduação, no ensino. E ainda não incentiva muita a pesquisa. Eu acho que falta mais incentivo, mais contribuição da universidade para sustentar a pesquisa. Eu acho que, a gente aqui, como professores do mestrado, a gente tenta sempre...as nossas dissertações são muito voltadas para os problemas regionais. (Bolonha).

Alguns dos desafios apontados pelos entrevistados são de origem interna da UNIPLAC. Como por exemplo a falta de estrutura física para receber estudantes internacionais, questões burocráticas trabalhistas para que docentes possam trabalhar em conjunto com outras instituições e adequações prévias para programas internacionais. É preponderante aqui lembrarmos o importante papel da universidade como uma instituição que, por muitos séculos, detém “uma posição ímpar como esteio dos valores éticos e morais da sociedade” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 49). E, assim, deve primar pela busca do equilíbrio entre autonomia e compromisso social.

Dentre os desafios apontados, a questão linguística é a mais salientada. Paris afirma que “*o primeiro (desafio), sem dúvida, é a barreira da língua. Por isso que a gente começou com Portugal porque a barreira, embora exista, ela é diminuta, mais fácil. Agora, o inglês realmente é uma barreira.*” Para Caracas, “*quanto aos desafios, hoje, a língua. O domínio de línguas estrangeiras, o inglês e o espanhol. Principalmente o inglês, né. E aí eu não sei como está hoje lá na UNIPLAC, mas na minha época nós não tínhamos muitos profissionais que dominavam*”. Por fim, Salamanca, diz “[...]ter um setor de idiomas e incentivar isso também é uma coisa super importante para que a internacionalização realmente possa crescer”.

Os desafios para os processos de internacionalização podem ser vistos como algo transitório e mutável com um trabalho planejado e em conjunto na instituição. Conforme Paris nos coloca acima, a barreira da língua é um desses obstáculos. Porém, encontrar instituições parceiras com interesses equivalentes é importante para gerar diferentes estratégias tanto para os acadêmicos que estarão envolvidos quanto para a instituição em si. Um setor ou um centro de línguas serviria como um propulsor para aproximar um número maior de membros da comunidade, e para que se envolvessem com traços de internacionalização. Além disso, sujeitos envolvidos com programas internacionais, seja direta ou indiretamente, são indivíduos mais engajados na comunidade acadêmica e serão condutores importantes em tornar aspectos

internacionais mais recorrentes e comuns na universidade, conforme Rubin-Oliveira e Wielewicki (2019).

Enfim, um ‘estudante aberto ao internacional’ deverá não apenas ser multilíngue, conhecer as diversas culturas que existem nas várias economias, realizar estadias no estrangeiro, mas, mais ainda, revelar disposição de alma, espírito de tolerância, respeito pela diferença, a par de demonstrar um conhecimento concreto de valores e da cultura do Outro. (Santos; Almeida Filho, 2012 p. 146).

Fica evidente, mais uma vez, o impacto que uma política institucional focada nos interesses da universidade em questão se faz necessária para que o processo de internacionalização possa avançar e pavimentar o caminho escolhido para a instituição e, assim, evitar um mero vagar no mundo globalizado. Podemos notar pensamentos similares na percepção de Lima.

Talvez aí faça falta nós termos uma política institucional bem clara, porque do ponto de vista institucional eu vejo que eles estão tendo uma preocupação maior com a mobilidade de alunos [...] Então, eu acho que as expectativas da instituição e as nossas são um pouco diferentes. Por isso, essa política institucional de internacionalização faz falta. (Lima).

A percepção acima aponta para uma das estratégias a serem incrementadas, trata-se de melhor preparar acadêmicos e a instituição para a internacionalização. E o papel de incentivador desse processo de preparação precisa ser assumido pela universidade. Fica evidente nas reflexões de Santos e Almeida Filho (2012, p. 146) que esta medida reforça a “centralidade do papel da universidade na sociedade contemporânea e afirma a universidade como protagonista incontornável do mundo global”.

As posições dos entrevistados Oxford e Paris, são incisivas em demonstrar a escassez de recursos financeiros, mas também possibilidades de buscar recursos externos. Oxford, menciona: *“Volto a falar da questão dos recursos financeiros. Quem vai subsidiar a ida do nosso acadêmico e o tempo que ele ficará lá? A sua estadia, sua manutenção lá, enfim. Então, precisa ter um planejamento para isso.”*

Paris apresenta outro ponto de vista,

Nós fechamos parceria com o Banco da Família que trabalha com uma linha de crédito de até R\$10.000 e o banco se mostrou muito interessado em auxiliar. Como nós não podemos fazer renúncia de receita, até porque não temos uma receita grande sobrando, procuramos parceiros externos para auxiliar nesse processo. Mas aí há uma preparação desse aluno, de 1 ano ou 6 meses, que ele vai levar para se preparar para ir ao exterior em função de visto, passaporte (que muitos ainda não têm) e a preparação do idioma. A gente faz toda essa verificação, esse suporte para o aluno mostrando de que forma ele poderia obter esse capital para ir para fora do Brasil. (Paris)

Convém salientar que antes da busca de qualquer agência privada na alocação de recursos econômicos para internacionalização da universidade, como sugere a última entrevistada, é fundamental considerar o papel do Estado atuando como agência de desenvolvimento do país, particularmente da educação de seu povo. A estratégia e o modo de intervenção do Estado devem ser coerentes com o estágio de desenvolvimento do país e em consonância com as disparidades regionais. As Fundações Estaduais de Amparo e Fomento à Pesquisa, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), são agências principais de estímulo à pesquisa. Assim, as estratégias e o modo de intervenção do Estado devem ser coerentes com o estágio de desenvolvimento do país e em consonância com as disparidades regionais. Neste caso, é importante levar em consideração que a região de Santa Catarina onde atua a UNIPLAC é uma das mais empobrecidas do Estado.

Internacionalização e visibilidade na UNIPLAC

Outro ponto estratégico discutido pelos entrevistados é a divulgação de ações de cunho internacional na comunidade acadêmica. Oxford, mostra a importância de *“ter informações bem claras e detalhadas e, a partir daí, é claro que deve haver um trabalho aqui na instituição para que esses alunos, nossos acadêmicos, sintam-se motivados e queiram ir”*.

Já para outra entrevistada,

Incentivar os professores a participar de eventos científicos internacionais. Eu acho que a gente tem pouco incentivo financeiro. E até mesmo um incentivo pessoal. É um grande desafio. Mas é uma forma de estreitar esse contato e tentar institucionalizar essas práticas e ideologias para que a gente possa crescer em termos de internacionalização. (Salamanca)

Observa-se, nas percepções acima, que muitas informações não chegam a todos os membros da comunidade acadêmica e, quando chegam, são informações incompletas. Para que a comunidade abrace a ideia de se internacionalizar é interessante que sejam disponibilizadas o maior número de informações possíveis. As informações podem estimular a participação de estudantes e professores. Para a entrevistada Bolonha, *“eu acho que primeiro é dar visibilidade à pós-graduação da Uniplac. A gente ainda fica muito escondido. Se faz muita propaganda em relação à graduação, mas pouca em relação ao nosso potencial de pesquisa, os mestrados e afins.”*

A visibilidade que se reflete apresenta alguns caminhos que poderiam ser melhor delimitados por uma sólida política de internacionalização para que ficasse claro quais seriam

os passos para iniciar o processo. Iniciar-se-á pela mobilidade acadêmica na graduação? Pelo alinhamento de linhas de pesquisa na pós-graduação? São dúvidas que deixam um ar de incerteza quanto à internacionalização da UNIPLAC.

É importante que o processo de internacionalização seja pensado pela e para a UNIPLAC no contexto de seu projeto de Universidade. Morosini (2011, p. 95) discorre sobre o assunto quando fala sobre Cooperação Internacional Tradicional, “caracterizado por relações de competitividade entre as instituições de ensino superior na captação de sujeitos e consumidores”. O contraponto desse modelo é o que a autora coloca como Cooperação Internacional Horizontal, baseada na solidariedade e consciência internacional.

Eu vejo que nós temos que fazer um grupo, como foi falado antes, envolvendo vários setores da universidade e falar sobre qual modelo de internacionalização serviria para a UNIPLAC. Uma coisa que tem que ter muito cuidado é não confundir internacionalização com globalização. Acredito que esse é um cuidado enorme [...]. Enfim, eu acho que a universidade tem que sentar, todos os setores, fazer uma organização que pense qual é o modelo de internacionalização que serve para a UNIPLAC. (Lima).

O tema a ser debatido em conjunto pela comunidade acadêmica da UNIPLAC, como refere a entrevistada acima, é a modalidade de internacionalização que melhor servirá aos propósitos da universidade. A princípio, a modalidade mais atraente para a Internacionalização do Ensino Superior no Brasil é a solidária, composta por uma perspectiva mais humana e comprometida com o desenvolvimento social, justo e sustentável. Um modelo que contrapõe o da competitividade e preocupações vazias com a produção científica para mero desenvolvimento econômico e busca de poder geopolítico em um contexto global, segundo Gouvea *et al.*, (2017).

Entre uma internacionalização que dialoga com um projeto social de formação humana mais ampla, e, uma internacionalização que espera da universidade (e da produção científica) sua contribuição para a competição internacional, temos um conjunto de desafios, perspectivas e tensões que levam a diferentes respostas sobre para que internacionalizar e como. (Gouvea *et al.*, 2019, p. 8).

Com a análise das entrevistas buscamos levantar dados relevantes ao processo de internacionalização dentro da UNIPLAC e entender como tem tomado forma. Além disso, conscientizar que esse processo é importante ao evidenciar a “consciência do papel e da importância do saber no processo de riqueza e bem-estar das sociedades é o ponto de partida do qual nasce e evolui o conceito de Economia do Conhecimento” (Santos; Almeida Filho, 2012, p. 193).

Considerações Finais

Neste texto, cujo objetivo foi refletir sobre a política de internacionalização da Universidade do Planalto Catarinense, procuramos caracterizar elementos do contexto histórico e o atual estágio do desenvolvimento socioeconômico no qual foi instituída a Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense. A política de internacionalização da UNIPLAC tem sua gênese na conquista de *status* de universidade em 1999, embora a instituição tenha completado sessenta anos de existência.

A literatura que embasa estas reflexões demonstra que a internacionalização, cada vez mais, torna-se uma exigência para a universidade contemporânea situada local e globalmente. Neste contexto, torna-se necessário distinguir os processos de globalização de processos de internacionalização. Na sociedade do conhecimento, os processos internacionais (programas em parcerias, pesquisa em conjunto, mobilidade de discentes, docentes e administrativo, entre outras formas de internacionalização) trazem diversos benefícios e oportunidades, principalmente para universidades comunitárias e de menor porte, desde que esse processo seja feito de forma planejada e organizada. Políticas institucionais têm de ser construídas em conjunto com a comunidade acadêmica, já que fará parte do processo no seu âmago. Sem a participação destes nenhum processo obterá sucesso.

As análises das informações oferecidas pelos sujeitos entrevistados que estiveram nos primeiros passos e atualmente envolvidos com políticas de internacionalização da UNIPLAC, demonstram a importância da internacionalização. É condição para elevar sua qualidade no ensino, pesquisa e extensão acima dos níveis atuais da instituição com impactos para a comunidade interna e externa. Entretanto, os processos de internacionalização presentes na UNIPLAC são superficiais e estão em fases iniciais. Identificamos discrepâncias entre práticas de internacionalização desenvolvidas pela pós-graduação e ações ou projeções desenvolvidas pela atual reitoria. A ausência de foco, planos estratégicos e projetos materializados em convênios ou parcerias institucionais demonstram esta realidade. Faz-se necessário a criação de um setor de internacionalização com atribuições específicas, particularmente, com a finalidade de desenvolver a política acadêmica de internacionalização da instituição.

O engajamento da comunidade acadêmica é de extrema importância para o sucesso de processos internacionais uma vez que mesmo aqueles indivíduos que não se aventurem ao exterior fisicamente, terão a possibilidade de recepcionar estrangeiros na sua própria

universidade, tendo em vista uma mobilidade acadêmica de mão dupla objetivando uma internacionalização solidária focada em preparar cidadãos para o mundo.

Os entrevistados identificaram desafios a serem enfrentados pela comunidade acadêmica para que a mesma implemente um plano de internacionalização em ação. Desafios linguísticos, de visibilidade, ausência de um setor específico de internacionalização, ausência de planos e estratégias objetivas, planejamento financeiro, entre outros. E, por conseguinte, sugerem proposições tais como: criação de um setor de línguas bem estruturado, envolvimento de toda a comunidade acadêmica, fortalecimento e busca de novas parcerias com outras instituições internacionais a partir de países da América Latina, criação do setor de internacionalização com claras atribuições, acompanhado de um planejamento contemplado no Planejamento Estratégico Institucional. A tendência é de que o estabelecimento de futuros convênios ou intercâmbios ocorram por meio de acordos ou projetos de estudos e pesquisas bilaterais em bases concretas de operacionalização.

Concordamos com Santos e Almeida Filho (2012) quando estes propõem a Internacionalização como a Quarta Missão da universidade moderna. A proposta engloba toda a importância do papel da universidade no atual cenário social que nos encontramos mundialmente, principalmente quando associamos a isso uma universidade comunitária como a UNIPLAC, uma vez que desenvolver efetivamente sua política de internacionalização é condição para elevar sua qualidade de ensino e de qualificar sua missão universitária na região do Planalto Serrano Catarinense.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo – SP. Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os Três Estados do Capital Cultural**. In *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, 1979.

COELHO, Bruna da Penha de Mendonça. Materialismo Histórico e Dialético: entre aproximações e tensões. *Lua Nova*, São Paulo, 118: 75-100, 2023; <https://doi.org/10.1590/0102-075100/118> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/GmyvMRTcSK8F5DLhC6HDttw/?lang=pt#ModalTutors>

GOUVEA, Andréa B. DE AZEVEDO, Mário L. N. MENDES, Geovana M. L. **A Pós-Graduação e a Internacionalização da Educação Superior: tendências e problemas – o lugar da ANPEd**. *Revista Multidisciplinar Plurais*, v. 2, n. 2, p. 10-26, Abr./Ago. 2017.

LOCKS, Geraldo A. Uma Análise Antropológica da Formação Social e do Desenvolvimento Socioeconômico de Lages e Região. In: **Visão Contemporânea e Sustentável da Serra Catarinense**. 2ª Edição, Lages – SC: Ed. Uniplac, p. 19-42. 2016.

MELLO, Alex Fiuza de. FILHO, Naomar de Almeida. RIBEIRO, Renato Janine. **Por uma Universidade Socialmente Relevante**. Atos de Pesquisa em Educação, v. 4, nº 3, 2009.

MOROSINI, Marília C. **Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal**. Educação em Revista – Belo Horizonte. V. 27, nº 01, p. 93-112. 2011.

MOROSINI, M.; FRANCO, M. E. D.P. **Universidades Comunitárias e sustentabilidade: desafio em tempos de globalização**. Revista Educar. Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 55-70, 2006.

MOZZATO, Anelise Rebelato. GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, Jul-Ago. 2011.

MUNARIM, Antônio. A práxis dos movimentos sociais na região de Lages. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. UFSC. Florianópolis. 1990.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de. FREITAS, Maria Ester de. **Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes**. Revista Brasileira de Educação, v. 22, nº 70, Jul-Set. 2017.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos**. O processo de constituição do espaço urbano em Lages. Lages, Ed. Uniplac, 2002.

PERROTA, Daniela. **La Internacionalización de la Universidad: debates globales, acciones regionales**. 1ª Ed. – Los Polvorines: Universidade Nacional de General Sarmiento; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto de Estudios y Capacitación-IEC-CONADU, 2016.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. WIELEWICKI, Hamilton de G. **Concept, Policies and Actions of Internationalization of Higher Education: reflections on expertise of a North American University**. Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019.

SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento de Santa Catarina 2030**. 2018.

SANTOS, Fernando S.; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A Quarta Missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília – DF. Ed. Universidade de Brasília. 2012.

SANTOS, Boaventura de S. **Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, Outubro de 2002.

TOSTA, Humberto T.; STALLIVIERI, Luciane. TOSTA, Kelly C. B. T. **A Internacionalização da Educação Superior: descrição do processo em curso na Universidade Federal Fronteira Sul**. Sinergia – Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC). 2016.

TRIVINOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.

UNIPLAC. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2018**. 2016. Disponível em: <https://data.uniplaclages.edu.br/documentos/f6989a0f6bb67e9a0ec1517dfa952cdd.pdf>
Acesso em: 21 abr. 2020.

WELLEN, Henrique André Ramos. **Para a Crítica da Economia Solidária**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

WIELEWICKI, Hamilton de G.; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. **Internacionalização da Educação Superior: Processo de Bolonha**. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.18, n. 67, p. 215-234, abr./jun. 2010.

WIT, Hans de. **Globalisation and Internationalisation of Higher Education**. Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento, vol. 8, n. 2, p. 241-248, 2002.